

Professores readaptados do município de Mossoró/RN: reflexões sobre o mal-estar docente

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes¹

Maria Jarleide da Silva²

Francisca Leidiana de Souza³

RESUMO

Este estudo objetiva discutir a relação estabelecida entre a precarização do trabalho e o adoecimento do professor readaptado da rede municipal de Mossoró/RN. O adoecimento de professores no exercício da profissão, tem sido cada vez mais objeto de estudos por parte de pesquisadores. O trabalho é de caráter qualitativo, compreendendo uma revisão bibliográfica, a fim de se conhecer o processo histórico do adoecimento dos professores, as causas e as consequências, e realiza entrevistas com seis professoras da rede municipal de Mossoró. Os dados obtidos e analisados, revelaram que a atuação do docente nas instituições, vem gerando cada vez mais a

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Professora no IFRN. Participa do G-TRES, relação entre Trabalho, Educação e Sociedade/IFRN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6625-7963>. E-mail: aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br.

² Especialista em Educação e contemporaneidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. (IFRN). Tem experiência como vice diretora na Escola Municipal Francisco De Assis Batista (2016). Foi coordenadora pedagógica da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus (2017). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6644-6345>. E-mail: mjarleidesilva@hotmail.com.

³ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (IFRN/UFERSA/UERN). Doutoranda em Educação Profissional (IFRN). Experiência como docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no Rio Grande do Norte (IFRN). Participa do G-TRES, relação entre Trabalho, Educação e Sociedade (IFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8037-6539>. E-mail: leidy_uerntour@hotmail.com.

incidência de problemas de saúde, tanto no início como no final do percurso profissional.

Palavras-chave: mal-estar docente; in/satisfação profissional; readaptação.

Readapted teachers from the municipality of Mossoró/RN: reflections on teaching disease

ABSTRACT

This study aims to discuss the relationship established between the precariousness of work and the illness of the readapted teacher from the municipal network of Mossoró/RN. The illness of teachers in the exercise of the profession has been increasingly object of studies by researchers. The work is qualitative, comprising a bibliographic review, in order to know the historical process of teachers' illness, the causes and consequences, and conducts interviews with six teachers from the municipal network of Mossoró. The data obtained and analyzed revealed that the performance of the teacher in the institutions has been generating more and more the incidence of health problems, both at the beginning and at the end of the professional path.

Keywords: teacher malaise; in/professional satisfaction; readaptation.

Profesores readecuados del municipio de Mossoró/RN: reflexiones sobre la enfermedad docente

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo discutir la relación establecida entre la precariedad del trabajo y la enfermedad del profesor readaptado de la red municipal de Mossoró/RN. La enfermedad de los docentes en el ejercicio de la profesión ha sido cada vez más objeto de estudios por parte de los investigadores. El trabajo es cualitativo, comprende una revisión bibliográfica, con el fin de conocer el proceso histórico

de la enfermedad de los docentes, las causas y consecuencias, y realiza entrevistas a seis docentes de la red municipal de Mossoró. Los datos obtenidos y analizados revelaron que el desempeño del docente en las instituciones viene generando cada vez más la incidencia de problemas de salud, tanto al inicio como al final de la trayectoria profesional.

Palabras clave: malestar del docente; en/satisfacción profesional; readaptación.

INTRODUÇÃO

O ser professor passa por mudanças significativas no decorrer do tempo e isso faz com que este redefina seu papel de acordo com as transformações que alteram as relações de seu trabalho. A educação no século XXI, no mundo e no Brasil, apresentou grandes avanços, bem como dilemas a serem resolvidos. Tanto o Estado, quanto a sociedade veem a escola como obrigada a curar todos os males sociais que o poder público não é capaz de enfrentar. Ao mesmo tempo, falta um suporte ou condições necessárias, para que os professores possam desempenhar a sua profissão com êxito e satisfação. Portanto, esse quadro é determinante para o emergir de um progressivo clima de mal-estar docente.

Desde o início da década de 1970, estudos como os de Nóvoa (1992), Oliveira (2003), Frigotto (2010), Ciavatta (2015) e Esteve (1999) começaram a ser desenvolvidos acerca da problemática laboral dos docentes, tendo como discussões as condições de trabalho e as particularidades da carreira docente. Para tanto, a desvalorização do profissional da educação não aconteceu por acaso no Brasil. O tempo e as transformações sociais, se encarregaram em desembocar uma série de fatores que levaram a profissão de professor a perder seu valor social e econômico.

Estudos como o de Huberman (2000) indica que parte dos professores demonstram atitudes negativas diante de sua profissão, o desejo de exercer outro ofício, ou o anseio pela aposentadoria, culmina em doenças psicológicas e físicas. Surge, assim, este

autoflagelo que se manifesta no cotidiano, contribuindo para o mal-estar docente, e que pode levar a uma futura readaptação desse profissional. Desse modo, o nosso objetivo é discutir a relação estabelecida entre a precarização do trabalho e o adoecimento do professor readaptado da rede municipal de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte (RN)⁴.

O interesse pela temática mal-estar docente surgiu durante a realização dos Estágios Supervisionados como discente do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e quando assumimos a função de vice-Diretora e, posteriormente, Coordenadora, em distintas escolas municipais da cidade de Mossoró, RN. Nesse período, observamos que algumas das professoras da rede pública, das escolas nas quais os Estágios Supervisionados foram realizados, manifestaram com grande incidência os sentimentos de insatisfação, esgotamento, desencanto, estresse, além de doenças físicas e emocionais, diante de tais observações questionamos: De que maneira os professores demonstram um mal-estar docente e quais são as causas de uma futura readaptação?

Visando alcançar nosso objetivo, recorreremos à pesquisa qualitativa que na perspectiva de Chizzotti (1995) traz uma abordagem que parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

À luz do objetivo exposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática estudada e uma pesquisa exploratória que envolve entrevistas com 06 professoras readaptadas de uma escola Municipal de Mossoró, acerca do trabalho e sua relação com a satisfação profissional e os fatores que desencadearam a sua readaptação. Apresentamos de forma sucinta estudos sobre a saúde e mal-estar docente, sobre quais doenças são mais recorrentes neste meio e quais podem interferir nas atividades laborais e, ainda, levar

⁴ O trabalho emerge do artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação e Contemporaneidade, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) *Campus* Mossoró, como requisito necessário para a obtenção do título de especialista em Educação e Contemporaneidade.

estes profissionais à readaptação. Essa é uma realidade que atingiu aproximadamente 150 (cento e cinquenta) professores da rede municipal, entre os anos 2017 a 2019 de acordo com dados da Secretaria Municipal de Mossoró.

Para melhor organização das informações, o estudo está organizado em duas seções. A primeira, intitula-se “enfoques epistemológicos sobre o mal-estar docente e in/satisfação: qualidade de vida no trabalho e o adoecimento”, esboçando os fatores que resultam na insatisfação no seu exercício profissional e, dentro desse panorama, estão as noções de satisfação e insatisfação docente. A segunda seção, apresenta como título “relatos das professoras entrevistadas e os seus dilemas enfrentados na escola: os desconfortos da profissão docente”, examinamos o cotidiano pedagógico das professoras participantes da pesquisa, com entrevista semiestruturada, e apresentamos a análise das narrativas.

Enfoques epistemológicos sobre o mal-estar docente e in/satisfação: qualidade de vida no trabalho e o adoecimento

Diante das mudanças que vem ocorrendo, tanto no contexto social, político e econômico e as exigências postas ao professor, este tem enfrentado dificuldades reais nas suas práticas cotidianas e na imagem ideal de ser professor, causando-lhe um mal-estar docente. Esteve (1999) ressalta em suas pesquisas, dois enfoques sobre o mal-estar docente: o interdisciplinar e o sociológico.

O enfoque interdisciplinar, volta-se numa perspectiva psicológica, ou seja, fala sobre o estresse dos professores, da ansiedade diante das condições sócio trabalhistas em que exercem a docência. O enfoque sociológico, por sua vez, está vinculado às mudanças que surgiram nos últimos anos e com as consequências delas advindas para os indivíduos que exercem a profissão: professores afetados pela violência nas aulas, esgotamento físico ou efeitos psicológicos.

A proposição de Esteve (1999) trata dos indicadores do mal-estar docente e os fatores que contribuem para esse problema. O autor classifica os possíveis fatores em primários e secundários. Os primários, referem-se aos fatores que incidem diretamente sobre a

ação do professor em sala de aula, como por exemplo: falta de recursos, violências nas instituições, agressões verbais e físicas, esgotamento docente, dentre outros, gerando tensões associados a sentimentos e emoções negativas.

Enquanto os fatores secundários, referem-se às condições ambientais, ao contexto em que a docência é exercida, como o aumento das responsabilidades e exigências sobre os educadores, o aparecimento de novos agentes tradicionais de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massa etc.), que se convertem em fontes paralelas de transmissão de informações e cultura, onde alguns professores se adaptam outros não, pressão social, dentre outros, afetando a eficácia nas suas práticas cotidianas, promovendo uma diminuição da motivação do professor no seu trabalho. Nessa ótica Esteve (1999, p. 144) considera o mal-estar docente como “[...] uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como no das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui”. Ademais, esse desconforto é um problema ético-político.

Nessa linha interpretativa, Alves (1994) aponta uma visão sumária dos fatores de satisfação/insatisfação e a diversidade das suas manifestações, tais como, a fadiga, exaustão ou desgaste docente, o mal-estar, “stress”, o absentismo e o desejo de abandonar a profissão. Esteve (1999) elenca os mesmos fatores que contribuem para desencadear esse adoecimento dos professores: sentimento de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais das práticas, desejo manifesto de abandonar a docência, absentismo trabalhista, esgotamento, cansaço físico permanente, ansiedade, estresse, depressões, dentre outras. O estresse, ou a tensão, são razões para os profissionais entrarem em licença médica. O absentismo aparece como um refúgio de escapamento para o alívio de tensões acumuladas em seu trabalho.

Em suas pesquisas, Antunes (2014) mostra os dados quantitativos sobre o número atual de professores readaptados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, fornecidos pela Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOSP). Os índices obtidos indicam a evolução das readaptações no Quadro do Magistério (QM) do estado de São Paulo, entre os anos

de 2011 e 2013, portanto, seu estudo conclui que a taxa de crescimento de professores readaptados é de aproximadamente 0,89% ao mês, esse número representa, em média que 3,3, professores adoecem por dia.

A lei que estabelece normas e critérios relativos à readaptação de Servidores Municipais de Mossoró, é a Lei Complementar nº 29, de 16 de dezembro de 2008, Seção VII, Art. 29, que expressa: Readaptação é a investidura do servidor em cargos de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada em inspeção médica, realizada pela Junta Médica de Previdência Social (JMPS⁵) junto ao Instituto do Município de Previdência Social dos Servidores de Mossoró (PREVI- MOSSORÓ). No Art. 29 são estabelecidos os critérios para a readaptação dos docentes.

Caso julgado incapaz para o serviço público, o readaptante deve ser aposentado. A readaptação, deve ser efetivada em cargo de atribuições afins, respeitadas a habilitação exigida, ou seja, no caso do professor do Magistério, eles podem atuar em apoio pedagógico, apoio administrativo, auxiliar de biblioteca, prestação de serviços na sede e secretaria de escola, dentre outros. Porém, o Estatuto do Magistério é bastante claro ao determinar que o professor readaptado, assumirá sua nova função em local distinto da escola, como a Secretaria de Educação, por exemplo. Isso pode prejudicar alguns dos seus direitos, como o da aposentadoria com tempo reduzido.

Existem múltiplas correntes teóricas que compreendem esse fenômeno sobre a saúde e as consequências do mal-estar docente. Segundo Canário (2006), nos últimos 30 anos, houve um aumento no número de professores ao mesmo tempo que se nota uma repercussão negativa, no modo como é socialmente vista a profissão de professor e a escolarização massificada, fatores que contribuíram para o desencanto profissional e a desvalorização do seu estatuto

⁵ A Junta Médica de Previdência Social (JMPS), como órgão pericial para análises, proposições e decisões sobre assuntos estabelecidos como sua competência, foi regulamentada através do art. 29, da Lei Complementar nº 060, 09 de dezembro de 2011. A JMPS é funcionalmente autônoma em suas decisões técnicas, constituída como função ao Instituto do Municipal Social dos Servidores de Mossoró (PREVI).

profissional. A expressão “mal-estar docente” generalizou-se para designar um fenômeno de crise de identidade profissional dos professores, resultado de vários fatores convergentes.

O fenômeno “mal-estar docente”, de acordo com Alves (1994), se relaciona com algumas conjecturas para caracterizar a insatisfação/satisfação profissional, tais como a evolução profissional, o recrutamento de novos professores, o papel do professor, motivações para o ingresso e a interação social da função docente. De acordo com Alves (1994) tais fatores estão relacionados aos elementos econômico-institucional-pedagógico-relacional e social.

Nesse cenário, Antunes (2009) trata a questão do sentido do trabalho com rigor, enfatiza que nas últimas décadas, a sociedade vem presenciando mudanças profundas, tanto nas formas de materialismo, quanto na esfera da subjetividade, dadas as complexas relações entre o ser e existir da sociabilidade humana. Contudo, a crise do capital se configura no neoliberalismo e na reestruturação produtiva da era da acumulação, onde, o mundo do trabalho, é marcado por transformações, mudanças que advêm de vários fatores, como avanços das Tecnologias e da Informação e Comunicação (TICs). Nesse sentido, Antunes (2009, p. 17) aponta:

Podemos inicialmente mencionar o enorme desemprego estrutural, um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, além de uma degradação que se amplia, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias e para a valorização do capital.

Destarte, Ramos (2003) também discorre sobre os problemas relativos à profissão de professor e destaca os fatores que estabelecem, os elementos que estão associados aos conceitos de mal-estar docente e à in/satisfação profissional. São eles: fator econômico, ligado ao salário; fator institucional, voltado para a qualidade do ensino; fator pedagógico, relacionado com as condições do trabalho do professor e o rendimento do aluno (sucesso e insucesso); fator relacional, voltado para professor aluno e professor colega; fator social, voltado para o estatuto docente e a

representação social da imagem do professor. Nesta linha de pensamento, Penteadó e Souza Neto (2019, p. 149) entendem:

[...] que as problemáticas do mal-estar e dos sofrimentos e adoecimentos dos professores precisam ser consideradas no âmbito da cultura profissional docente, levando em conta as implicações nos processos de formação, socialização profissional e desenvolvimento profissional docente, com desdobramentos no movimento de profissionalização [...].

Consoante Ramos (2003) o stress nos professores é um problema que tem aumentado e tem sido reconhecido nos últimos anos, dando origem a realização de numerosos estudos em diversos países acerca da insatisfação profissional, como por exemplo: *turnover*⁶, *stressores*⁷, e *burnout*⁸ dos professores. Alves (1994) também aborda em seus estudos, que o professor ao longo dos anos, vai acumulando efeitos negativos no seu âmbito profissional, sejam eles provenientes do seu contato direto com os alunos, com os colegas, com os órgãos de gestão, com os pais dos alunos e etc., sejam eles derivados das exigências do cotidiano das suas tarefas educativas, como: planificar, executar, avaliar. Enfim, o tempo vai imprimindo no professor, um visível desgaste físico e psíquico. O docente vai ficando "queimado" ("*burned-out*" ou simplesmente "*burnout*", termo particularmente realçado pela literatura americana).

Com esse termo, "professor queimado", Halpin citado por Alves (1994) identifica sobretudo, a um sentimento de debilidade, de perda de autocontrole, de abatimento e de desamparo. Nesta acepção, Esteve (1999, p. 57) explica o sentido do termo "professor queimado":

⁶ Turnover significa rotatividade, quando o professor muda de escola; entre redes de ensino, quando o professor abandona uma rede para ir trabalhar em outra; ou ainda por abandono da profissão.

⁷ Aquilo que causa estresse, que provoca exaustão física ou psicológica.

⁸ Burnout corresponde à resposta emocional a situações de estresse crônico em razão de relações intensas - em situações de trabalho - com outras pessoas, ou de profissionais que apresentam grandes expectativas com relação a seu desenvolvimento profissional e dedicação à profissão (BRASIL, 2001).

O professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na escola pública atual. Os sintomas incluem um alto índice de absentismo, falta de compromisso, um desejo de férias, baixa autoestima, uma incapacidade de levar a escola à sério.

Entretanto, a satisfação profissional, segundo Gonçalves (2000), começou a ser objeto de estudo, a partir do momento em que o modelo Taylorista da organização do trabalho foi posto em prática e se valorizou o fator humano da empresa. A satisfação profissional pode ser encarada como uma atitude global, ou então ser aplicada a determinadas partes do cargo ocupado pelo indivíduo.

Neste sentido, Werther e Davis (1983, p. 308) afirmam que “[...] a satisfação no cargo é uma parte da satisfação na vida”. O ambiente fora do trabalho influencia consideravelmente os sentimentos do indivíduo no trabalho e, de igual forma, o prazer profissional interfere, também, o sentimento de contentamento global com a vida.

Nessa mesma linha de pensamento, Alves (1994, p. 16) cita de forma bastante recorrente as noções de satisfação profissional apresentadas por diversos autores que se referem, fundamentalmente, a um estado geral positivo e emocional associado a adequadas recompensas intrínsecas auferidas do trabalho com os alunos, ou associado aos diferentes papéis ocupacionais que os professores desempenham.

Posto isso, é útil esclarecer que a pandemia da Covid-19⁹ imputou marcas ao trabalho docente, especialmente devido a necessidade de isolamento social, que levou à adoção do regime de ensino remoto¹⁰, como alude Arrais Neto *et. al.* (2022, p. 634):

⁹ A COVID-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, foram descritos os primeiros casos de pneumonia causada por um agente desconhecido e reportados às autoridades de saúde. No dia 7 de janeiro de 2020, Zhu et al. anunciaram o sequenciamento do genoma viral e no dia 12 de janeiro, a China compartilhou a sequência genética com a OMS e outros países através do banco de dados internacional Global Initiative on Sharing All Influenza Data (GISAID). Desde então, os casos começaram a se propagar rapidamente pelo mundo.

¹⁰ O ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as

O confinamento social, o desenvolvimento doméstico das atividades de trabalho institucional, associados e cruzados com as cargas de trabalho decorrentes dos papéis tradicionalmente associados ao masculino e ao feminino nas atividades do lar, assumem importância central nas condições de trabalho em home-office, ainda não avaliadas profundamente. O acúmulo das atividades de cuidado doméstico, tradicionalmente atribuído às mulheres, num momento de maior pressão e intensificação com a sobreposição do trabalho profissional remoto, é capaz de ser elemento efetivo de adoecimento.

Nesse caminho, o próprio fato do isolamento social, implicou na redução dos contatos presenciais com os pares, e por outro lado intensificou a convivência com a família nuclear, o que denotou reflexos nas relações parentais, maritais, fraternais e interpessoais, num sentido geral. Concordamos com Arrais Neto *et. al.* (2022, p. 639), quando afirma: “A necessidade de checagem de mensagens de e-mail ou de WhatsApp no decorrer do dia, sem contenção de horários, foi sentida em muitos relatos como elementos invasivos exagerados, trazendo o trabalho burocrático como invasor [...] de descanso familiar privado.” Tudo isso elevou a ansiedade e a angústia, associadas ao medo do adoecimento.

Feita essas considerações, para melhor compreender o estudo acerca da relação estabelecida entre a precarização do trabalho e o adoecimento do professor readaptado da rede municipal de Mossoró/RN, discutiremos na seção a seguir os resultados das entrevistas realizadas.

Relatos das professoras entrevistadas e os seus dilemas enfrentados na escola: os desconfortos da profissão docente

Realizamos entrevistas semiestruturadas com 06 (seis) professoras readaptadas de uma escola Municipal da Cidade de

aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial. Grosso modo, isso significa manter a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um de diferentes localidades.

Mossoró-RN, no ano de 2019. Para tanto, entramos em contato com a escola para solicitar a participação das professoras readaptadas, apresentamos os objetivos da pesquisa e esclarecemos as dúvidas a respeito das entrevistadas. Partimos de 07 (sete) questões norteadoras para viabilizar e sistematizar as informações. As entrevistas foram gravadas, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com duração em média de 30 minutos cada.

As colaboradoras têm entre 40 a 56 anos. Quanto ao tempo de serviço, há uma distribuição nas três esferas de ensino, ou seja, atuam ou já atuaram nas redes privada, municipal e/ou estadual. Em relação à formação, 4 (quatro) são formadas em Pedagogia, 1 (uma) em Letras e 1 (uma) em Matemática. No que concerne ao tempo de readaptação, estão entre 1 (um) a 3 (três) anos. Quanto aos motivos das readaptações, todas se afastaram por problemas de saúde, advindos do seu exercício profissional. A partir daqui, ao nos referirmos às participantes da pesquisa, as nomearemos de professoras: A, B, C, D, E e F, a fim de preservarmos a identidade das mesmas.

Fomos guiadas pelos seguintes questionamentos: Como iniciou a carreira de professora; quanto tempo de carreira; como foi a vida profissional; quais foram as dificuldades encontradas; questões da disciplina do aluno; relação professor, gestão, pais e alunos; o que motivou a readaptação e quais as implicações de estar afastada da sala de aula.

Diante das falas das entrevistadas, constatamos muitos obstáculos advindos da profissão, como: anseios, frustrações, conquistas, desafios e outras dificuldades de naturezas diferentes, entre elas aparecem aspectos ligados aos comportamentos dos alunos, como agressividade, indisciplina e falta de respeito.

Cunha (2012) relata que as dificuldades encontradas pelos professores no seu âmbito profissional são questões intimamente relacionadas à educação, tais como: a desvalorização do magistério, estrutura de ensino e as condições de trabalho. Nessa perspectiva, questionamos sobre como foi a vida profissional das docentes. A professora "A", enfatizou:

Quando eu comecei a lecionar era encantador eu gostava muito de ensinar e assim até hoje ainda gosto, era outro tempo, estava iniciando com muito pique, muitos problemas nas salas de aulas surgiram, até agressão de alunos, que trancava você na de sala, por causa disso o seu emocional começa a ficar abalado, você não dorme bem [...] muitas atividades para levar para casa e a pressão por quantidade, o número alto de reprovação, aí quem é o culpado? Acabam jogando a culpa no professor e o professor tem que lidar com tudo isso, tem que mostrar resultados muitas cobranças da gestão, sem dar condições, salas superlotadas (Resposta da professora A, 2019).

A fala da professora "A", deixa claro que as mudanças sempre ocorrem no contexto educacional, tanto no terreno dos comportamentos dos alunos, como diante das exigências postas ao professor. Diante do relato da entrevistada, evocamos Huberman (2000, p. 39 grifo do autor) quando explicita:

O aspecto da "descoberta" traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situações de responsabilidades, "[...] a literatura empírica indica que dois aspectos, o da sobrevivência e o da descoberta, são vividos em paralelo e é o segundo aspecto que permite aguentar o primeiro.

Percebemos que a entrevistada "A" iniciou a sua carreira muito empolgada e perspicaz, entretanto, ao longo dos anos foi passando por situações adversas dentro do contexto educacional, e diante dessas dificuldades e exigências, foi perdendo o encanto pela docência, pois os problemas, por vezes, vão para além da sala de aula. É justamente sobre essa questão que Pereira, Aguiar e Costa (2015, p. 168), discutem:

Nos últimos anos, tem-se colocado uma forte pressão sobre a pessoa do professor. Com as mudanças na política e, conseqüentemente, no sistema de ensino, tem-se atribuído uma responsabilidade muito grande à escola (e ao

professor), pois agora a escola não tem somente a função de formação cognitiva do aluno, mas também a formação pessoal e profissional [...]

Nesse encadeamento de ideias, Gonçalves (2000) enfatiza as questões relativas a auto e heteroatribuição dos problemas que surgem ao longo da carreira docente, sendo aduzidas razões como dificuldades ou inexistência de transportes, afastamento da família, instabilidade profissional, isolamento, as condições de trabalho, a falta de condições das escolas, em termos físicos e materiais, incluindo a inexistência ou a inadequação de material didático e de mobiliário. A esse respeito, Cunha (2012, p. 110) apresenta nos seus estudos fatores de dificuldades que os professores têm sentido nas suas práticas no processo ensino aprendizagem.

As condições de trabalho foram muito apontadas como fator de dificuldades pelos professores. Elas incluem local adequado para atividades escolares, material disponível especialmente bibliotecas. Esta depauperação do sistema educacional acarreta, no dizer dos professores, a impossibilidade de um ensino de melhor qualidade, assim como a pouca possibilidade de atualização dos docentes e a quase inviabilidade da realização de pesquisa e da extensão.

Diante das condições de trabalho questionamos as professoras a respeito das dificuldades encontradas no seu âmbito profissional:

[...] às vezes sentimos vontade de fazer uma aula diferente, com dinâmicas e oficinas, mas o espaço da escola não responde, os materiais didáticos que se tem não estão totalmente disponíveis, ficam guardados, ou as vezes são limitados, quando vamos utilizá-los já os pegaram, aí as coisas não funcionam como queremos (Resposta da professora C, 2019).

[...] não tem ferramenta para dar uma aula, por exemplo a gente de matemática podemos usar muito gráficos, laboratório de informática e às vezes as máquinas estão todas quebradas, então assim

you want to use many things, but sometimes you don't have conditions, so you end up going to class expository and this type of class is not very interesting for the student, it ends up being evasion, it ends up being disinterest on the part of the student, he gives up, but the blame is always on the professor! They want to attribute blame to the professor and while they attribute blame to the professor it becomes difficult for education to succeed (Response from professor A, 2019).

Through the narratives, we visualize that the teachers try to diversify the activity in the classroom, however, sometimes, they perceive limitations for the realization due to the lack of materials or resources, in this way, gradually the professor feels abandoned and frustrated. As affirm Pereira, Aguiar and Costa (2015, p. 163, quote from the authors), "With a large demand for activities to be fulfilled and the results to be obtained as a response to the demands of the teaching systems, it is inevitable that this professional remains immune to the conjuncture of social changes and the 'obligations'" [...]. In this sense, Esteve (1999, p. 48) reflects:

When this situation is prolonged to the medium and long term, it tends to produce a reaction of inhibition in the professor, who ends up accepting the old school routine, after losing the illusion of a change in his teaching practice that, besides requiring the greater effort and dedication, implies the use of new resources of which he does not dispose.

In this perspective, Feldfeber and Oliveira (2006) affirm that the profession of the teacher carries a range of challenges and problems for the elevation of the socio-economic status of the category. The deterioration of working conditions, low salaries, long workdays, overcrowded classrooms, the difficulty in updating content and methodology, the growth of indiscipline and violence in schools, the demands for higher professional performance, and the requirements of the goals, are some examples.

Diante desses desafios postos aos professores, perguntamos às professoras questões pertinentes acerca da disciplina do aluno durante às atividades propostas.

[...] o aluno hoje é altamente indisciplinado, coisa que não tinha há 25 anos atrás, quando eu entrei os alunos eram disciplinados, os pais, ajudavam nesse período, eles respeitavam os professores, você está entendendo? E hoje não! E isso foi se perdendo ao longo do tempo, né então o que vem acontecendo? Os pais deixaram de respeitar os professores, que passou esse desrespeito para os filhos, e hoje alunos não respeitam mais professores, viu. [...] os pais tão pouco, você fala alguma coisa eles veem e já nem escutam mais os professores, escutam só os filhos, então isso piorou de fato bastante, então é difícil a jornada hoje, porque você tem de trabalhar com aluno e com esses pais que não respeitam professores, e pais também indisciplinados que passam indisciplina para os seus filhos, então eles vêm com modos assim horríveis de casa, uma falta de educação, e não respeitam mesmo (Resposta da professora D, 2019).

[...] os alunos nos dias de hoje não respeitam professores. Os pais não reconhecem a função do educador. Acham, por vezes, que os professores têm a obrigação de educá-los, impor ética, moral, sem contar que os pais devem educar seus filhos e nós temos a função de ensiná-los (Resposta da professora B, 2019).

Nesse caminho Nóvoa (1992, p. 217) adverte, “Nossa civilização está em crise. E o sinal mais convincente é sem dúvida a falência da nossa civilização. Pela primeira vez na história, talvez, o homem se reconhece incapaz de educar seus filhos”. Com isso, professores, que aparentemente mostram certo desgaste ou esvaziamento, comprometem sua atividade profissional cotidiana, pois isso pode desencadear um empobrecimento físico, demonstrando esgotamento e fadiga, afetando o processo de ensino-aprendizagem e a relação interpessoal, aluno e professor.

Sobre esse contexto problemático que se impõe, Nóvoa (1992, p. 22) adverte:

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não vislumbram perspectivas de superação em curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: elevados índices de absenteísmo e abandono, desmotivação pessoal, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e indisposição constante, recursos de desculpabilização e ausência de reflexão crítica sobre a ação profissional, etc.

Aclaremos que a atividade docente está estritamente ligada por uma grande complexidade do ponto afetivo e emocional, inserida num espaço abarrotado de sentimentos e de conflitos. No tocante a este aspecto, Nóvoa (1992, p. 229, grifo do autor) argumenta, “[...] os docentes devem ser formados, não só para uma relação pedagógica com os alunos, mas também para uma relação social com as ‘comunidades locais’”. Em outras palavras, deve ser um mediador, facilitador e articulador do conhecimento e não apenas aquele que detém a informação. Seguindo essa compreensão Alves (1994, p. 18) arremata: “O aluno é visto geralmente, por um prisma cognitivo e o professor quase sempre é olhado como uma encarnação de um sistema autoritário, continuação e reforço da autoridade família, à qual o aluno, já antes da sua entrada na escola se vinha ligando de forma submissa”. Importante salientar que autoridade não deve ser confundido com autoritarismo, onde o primeiro tem como base o diálogo e o segundo, a imposição.

Concordamos com Alves (1994, p. 17) quando ressalta [...] “a relação professor-aluno nem sempre se caracterizou pela compreensão e empatia desejáveis, ante se registrando um ambiente de atrito e confronto”. Consequentemente, a inter-relação professor-aluno é representativa no ensino/ aprendizagem, pois a empatia entre ambos é fundamental nesse processo. Cunha (2012, p. 57) também explicita elementos sobre os aspectos comportamentais dos discentes, ao afirmar que:

Há um certo consenso sobre os comportamentos que se espera de um aluno e o mesmo acontece com relação ao professor. Isto significa dizer que parte da relação-aluno já é predeterminante socialmente. O modelo de sociedade define o modelo de escola e nele está contida a ideologia dominante.

Dentre as consequências do mal-estar docente, as docentes relataram nas suas narrativas, que, de uma forma ou de outra, sentem-se doentes perante o ato de ensinar, foram enfáticas em anunciar que o esgotamento e o estresse, são os elementos que mais afetam a saúde, levando-as a uma combinação de doenças, como: dor de cabeça, dor nas pernas, fadiga, sinusite, enxaqueca, calos na garganta, problemas de joelhos, processos de ansiedade, depressão, angústia, apatia e agravos emocionais. Ainda foram manifestados cansaço extremo, agitação, baixa concentração e queda no desempenho profissional, transtornos relacionados ao uso abusivo da voz, revelados através da rouquidão constante, dor na garganta, sensação de falta de ar, alterações no timbre, intensidade e altura da voz, e até perda temporária de voz. Sobre estas questões a professora "D" narra:

Eu tive alguns problemas de saúde, toda a profissão tem, mas na educação é mais árdua, então a sala de aula me roubou muita coisa sabe, eu sempre fui muito satisfeita em ser professora, mas no final da minha carreira, eu vi que ela me roubou muita coisa, ela me roubou minha paciência entendeu? Ela me causou um estresse muito grande, hoje eu sou hipertensa e com certeza foi da minha profissão, hoje tem problema de voz né, tenho calos nas cordas vocais, hoje eu sou mal "educada" em falar assim, muito, muito, muito, isso a sala de aula fez isso, então ela me roubou muitas coisas, e a pior delas, eu acho foi a minha paciência, hoje eu sou muito impaciente sabe foi disso da sala de aula, então a gente trabalhar com pessoas diferentes e tem que sempre ponderar, ponderar, ponderar. Isso dar um desgaste muito alto na vida da gente (Resposta da professora D, 2019).

A exposição da professora “D”, foi uma das que mais nos sensibilizou, pois deixa claro em suas palavras carregadas de emoções, que o ambiente escolar, pode ser hostil causando sérios problemas relativos a saúde. Quanto a isso, Paparelli (2009) comenta em sua tese, que alguns professores, na tentativa de se livrarem desse mal-estar, assumem uma postura defensiva, ou seja, demonstram comportamentos do tipo: queixas excessivas, agressividades, críticas e até distanciamento do ambiente escolar. Assim, Cardoso, Nunes e Moura (2019) asseveram que a saúde dessas profissionais tem sido comprometida e elas não se dão conta ou se alienam diante da necessidade financeira e se calam, comprometendo ainda mais a saúde.

Codo e Menezes (1999) apresentam possíveis fatores desencadeadores do stress ocupacional em professores, tais como: papel da família na educação dos filhos, precárias condições de trabalho, sobrecarga de trabalho, adaptação às novas tecnologias, rejeição, sentimento de frustração, clima de hostilidade e competição entre colegas, raiva, violência e drogas nas escolas, ruído excessivo, papel de assistente social assumido pelo professor, cobranças sociais, institucionais e governamentais pelo desempenho dos alunos, rebeldia dos alunos e convivência contínua com discentes com pouca evolução pedagógica.

Durante a entrevista, indagamos acerca das doenças advindas do exercício profissional. Sobre isso, as docentes A e D, disseram:

[...] Meu motivo da readaptação foi problema de saúde mesmo, é tanto quando comecei a ter pânico na sala de aula comecei a ter pânico mesmo, e assim muita ansiedade, visão turva, falta de concentração, e escrever uma data no quadro, colocava uma data quem não tinha nada a ver e assim achando que estava certo, e o aluno percebia professora tá errado eu ia corrigir e colocava outra pior então , então assim, ali eu vi que eu não estava bem, aí eu pensei eu tenho que procurar um médico, só que eu gostava muito da sala de aula assim como eu ainda gosto me formei para isso, me preparei para isso eu gosto de ensinar mas eu não tenho mais garra, não tenho mais condições, minha saúde estava abalada

tanto emocional física e psicológica, procurei logo psiquiatra (Resposta da professora A, 2019).
[...] quanto ao desgastes eles vem, isso acontece naturalmente, eu acredito que todos os professores quando chega ao final da sua carreira eles já estão com algumas doenças, típica mesmo da profissão, a voz é uma delas, né, todos eles na certa vão adquirir calos nas cordas vocais, porque a gente fala muito, eu por exemplo tenho, mas se tivesse continuado dando aula acredito ele ia me causar sérios problemas porque assim, eu não posso falar rápido e direto, tenho que dar pausas porque me engasgo, tenho crises de tosse, tudo isso foi consequência dos anos em sala de aula né, os anos em sala de aula acarretam muitas doenças, estresse, alto teor de estresse né, ele acarreta problemas físicos, como é o meu caso de joelho condromalácia, esse foi o motivo da minha readaptação, na verdade eu iria me readaptar por um ou por outro, porque tenho dois motivos pra diagnóstico para me ausentar da sala de aula, seria os calos nas cordas vocais e o meu problema físico que é condromalácia, do que foi isso? Foi de eu ficar muitos anos em pé, você ficar de pé das 7:00 às 11:00, então isso dar uns desgastes grande ao longo do tempo, e a voz, né de tanto falar, de tanto falar, falar e também quando eu iniciei não tinha uma educação de saúde para os professores hoje já tem, alguns cursos, que ajuda o professor a colocar a voz, a não ter esse desgaste que antigamente nós tínhamos (Resposta da professora D, 2019).

Disso, podemos constatar que o índice expressivo de afastamento por doença do trabalho, seja por meio de licenças ou por aposentadorias, tem deixado patente o quanto os sintomas, tais como estresse, cefaleia, dores generalizadas, calos nas cordas vocais e depressão podem estar relacionados à natureza do trabalho docente (MAGALHÃES, 2019). Desse modo, Moselli, Assunção e Medeiros (2017, p. 586), chamam a atenção:

Distúrbios de voz identificados durante a formação do docente devem ser encarados como fatores

associados às faltas ao trabalho, uma vez que são preditores de agravamento no futuro. Esses achados destacam a importância do rastreamento dos distúrbios da voz no início da formação do docente e da orientação adequada para prevenir e minimizar seus impactos no decorrer da carreira.

Percebe-se que, ao longo período da jornada docente, os professores sempre terão desajustes emocionais e físicos. As entrevistadas se queixaram de diversos sintomas relacionados ao mal-estar e nesse sentido Esteve (1999, p. 78) apresenta as principais consequências do mal-estar docente diante o ato de ensinar:

Sentimento de desajustamento perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem do professor; [...] Pedidos de transferências, como forma de fugir de situações conflituosas; [...] Desenvolvimento de esquema de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal com o trabalho que se realiza. [...] Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não); [...] Absenteísmo laboral, como mecanismo para cortar a tensão acumulada; [...] Esgotamento, como consequência da tensão acumulada; [...] Stress; [...] Ansiedade; [...] Depreciação do eu; [...] Autoculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino; [...] Reações neuróticas; [...] Depressão; [...] Ansiedade como estado permanente, associado, em termos de causa-efeito, a diagnósticos de saúde mental.

As consequências das repercussões psicológicas da tensão a que estão submetidos os professores são variadas e ocorrem de formas distintas, conforme diversos fatores, entre os quais a experiência do professor, seu status socioeconômico, sua orientação de gênero¹¹ e o tipo de instituição em que ele atua. Isso se comprova nas narrativas das professoras "B" e "E" sobre a vida profissional, os desafios e os dilemas encontrados ao longo da carreira.

¹¹ Segundo Beauvoir (1980) sexo refere-se a um conjunto de fatores biológicos e gênero a um conjunto de fatores sociais e culturais.

Iniciei minha carreira com 17 anos, trabalhando com educação infantil, passei 9 anos na educação infantil, e depois de nove anos passei a trabalhar em uma escola, aí trabalhei em todas as turmas do 1º ao 5º ano, a cada ano a gente ia fazendo um "rodízio" de sala de aula, aí depois assumi a direção da escola, foram oito anos na direção, e retornei para sala de aula, aí foi quando eu me readaptei, e de lá pra cá nunca acabam as angústias, é sempre a questão a família que não colabora não dá apoio, não ajuda com relação à aprendizagem do aluno, ou seja escola e sempre a escola que resolve tudo, às vezes esquecemos que tem até a família para poder fazer um trabalho melhor com aluno, porque os pais nunca estão presentes (Respostas da professora B, 2019).

Na minha época as coisas eram diferentes, aluno ia pra sala de aula sem livros, só com o caderno, e nessa época eles tinham interesse de aprender, mesmo só com caderno e lápis, respeitavam os professores, a equipe pedagógica, morriam de medo de irem para uma secretaria, hoje gritam com professor e com os demais profissionais da escola. [...] ficamos cansados de tanto falar e eles não querem prestar a atenção, isso é muito triste (Resposta da professora E, 2019).

Pelo exposto, fica evidente, que essas professoras já perpassaram por diversas fases na carreira profissional. No que se refere a esse desenvolvimento docente, Huberman (2000, p. 37) afirma que existem vários ciclos de vida profissional delimitados em uma série de sequência ou de "[...] maxiciclos [...] que atravessam não só as carreias de indivíduos diferentes, dentro de uma mesma profissão, como também as carreias de pessoas no exercício de profissões diferentes. [...]" Essa sequência varia entre os professores de acordo com a carreira, as características pessoais e os momentos vivenciadas na trilha da profissão.

Segundo Gonçalves (2000) existem 5 (cinco) fases na etapa da carreira docente. A primeira, ocorre no início da profissão, a segunda, com a estabilidade, a terceira, na divergência, a quarta fase, é a de serenidade e, por último, a quinta fase, é a renovação do interesse e

desencanto. O autor enfatiza que o início é marcado pelo choque do real e um grande entusiasmo pela descoberta. A fase da estabilidade, acontece em média entre 5 a 7 anos de experiência, resulta em grande satisfação e confiança.

A fase da divergência, oscila entre 8-15 anos, revela-se uma fase de desequilíbrio, onde o docente encontra dificuldades diversas e denota cansaço e saturação. Já a fase de serenidade, que está entre os 15 e os 20-25 anos de atividade, corresponde uma fase de calma, fruto de uma quebra de entusiasmo, ou seja, existindo um distanciamento afetivo, confundido com um certo conservadorismo. Por fim, na fase renovação do interesse e desencanto, os professores estão entre 31 e aos 40 anos de serviço, desejam nessa fase a aposentadoria, não se sentem mais capazes de ouvir e conviver com crianças, demonstram cansaço, saturação, impaciência, dentre outros.

Depreende-se, que os professores de modo geral, iniciam suas carreiras com um grande entusiasmo, estão determinados a cumprir o seu exercício profissional com satisfação, porém o cotidiano da sala de aula é um grande desafio, pois além de lidar com situações adversas, precisam estarem atentos a todo o processo educacional. No decurso dos anos vão vivenciando tensões inerentes ao próprio ato de educar e ensinar e, conseqüentemente, passam por uma fase de desinvestimento.

Quanto às atividades que passaram a executar após o processo de readaptação, as professoras foram consensuais em mostrarem-se satisfeitas em executar tarefas que não seja lecionando, pois afirmam que na ótica delas, todas as atividades escolares envolvem o ato pedagógico, como exemplo, citam: trabalhos que auxiliam a equipe pedagógica; trabalho na biblioteca; atividades burocráticas que envolvem controle dos diários, da presença dos professores e impressão de provas; auxílio a alunos com dificuldades no processo de escolarização; apoio aos professores; trabalhos de secretaria.

Nessa perspectiva, perguntamos às entrevistadas como se sentem após o processo de readaptação.

Por estar em readaptação dizem que eu estou no "bembom", não tá fazendo nadaaa! Às vezes você

está ali e ficam julgando você dizendo que você não faz nada e você estar em outra função, então isso retarda o seu tratamento, você estar ali em outra função para você ter um apoio, para você se motivar, mas insistem em dizer que você não faz nada. E isso acaba me abalando e fica difícil o tratamento! Outra coisa você já vai para aquela função porque lhe dão as condições de você fazer o tratamento, preciso sair no horário de trabalho para fazer o tratamento, dizem que eu tenho regalias e não é! É uma condição que você está e que você tem que ir para melhorar e voltar para sala de aula, estou nessa situação, eu não sei se vou voltar, pelo menos hoje eu estou bem nessa nova função, se eu pudesse ficar só nela eu ficaria, acho que estou respondendo bem a posição, a função de bibliotecária, sou feliz assim, mas problema psicológico ainda existem né, e eu tenho que tratá-los (Resposta da professora A, 2019).

Percebemos que a professora “A” está satisfeita com a sua nova função e pretende permanecer, pois acredita que a readaptação lhe deu a oportunidade de continuar a trabalhar e de diminuir o seu sofrimento. No entanto, sente-se estigmatizada pelos amigos de profissão e isso lhe gera sofrimento. Nota-se, que quando o professor se readapta, as consequências ocorrem gerando implicações como falta de respeito, desvalorização profissional, exclusão em algumas situações da escola, discriminação, e falta de apoio pelos colegas da escola e da gestão. Sobre a realidade dessas professoras readaptadas evocamos Amaral (2020, p. 175), quando expressa:

A mobilização dessas professoras diante dos problemas que afligem todo o sistema de ensino mostra que elas passavam pelo sofrimento ético. No mundo em que predominam as modernas práticas de gestão pautadas na racionalidade econômica e nos modos de produção flexíveis, são considerados desadaptados e improdutivos aqueles que não se curvam prontamente às metas e condições impostas. Dessa maneira, a regra é se resignar em uma submissão sem protestos em nome de uma promessa de plenitude, excelência e sucesso.

Enredados nesse discurso falacioso da onipotência, a maioria dos trabalhadores se vê alijada de seu próprio desejo, vivenciando e contribuindo para a falência dos laços sociais [...]

Como consequência desse cenário, de um lado estariam os trabalhadores saudáveis e produtivos, ou seja, os vitoriosos. De outro lado, os adoecidos e que, por isso, são considerados improdutivos e não aptos a contribuírem com a força produtiva. Destarte, essa estigmatização, além de isolar o profissional, passa a entender a readaptação como um sinal de fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que realizamos com as professoras entrevistadas acerca da discussão da relação estabelecida entre a precarização do trabalho e o adoecimento do professor readaptado da rede municipal de Mossoró/RN proporcionou um melhor embasamento da problemática, pois o adoecimento de professores, no exercício da profissão, tem sido cada vez mais objeto de estudos por parte de pesquisadores.

Por meio das narrativas das professoras reunimos questões teóricas acerca do adoecimento e as relações de trabalho docente. Conforme vimos no *corpus* do estudo, as condições de trabalho têm levado muitos professores ao adoecimento, acompanhado de sofrimento. A literatura pertinente ao tema, explicitou esse aspecto da questão da profissão docente no que se refere ao mal-estar que surge como uma das grandes questões da atualidade e as suas consequências, comumente vinculadas aos fatores relacionais de satisfação e insatisfação.

Nesse sentido, as docentes entrevistadas elencaram os fatores que acarretam mais insatisfação: a inversão de papéis escola-família, a violência escolar, a falta de valorização pelos governantes, os baixos salários, falta de reconhecimento pela sociedade e pelos pais, baixo apoio familiar no aspecto da educação dos seus filhos, e ausência de suporte da gestão e da sociedade; alunos indisciplinados; as

condições físicas do trabalho; o excesso de trabalho; as condições de saúde; e as dificuldades na relação professor-aluno.

Há, nos relatos das entrevistadas, que a infraestrutura da escola, nem sempre apresenta condições favoráveis, o que demanda maior esforço em seu trabalho e compromete a qualidade do ensino. Poucos recursos, ou a falta deles, limitam as suas práticas, e isso leva as professoras a questionarem a sua competência profissional. Em relação ao adoecimento advindo do seu exercício profissional, constatamos que as entrevistadas, sentem-se bem com a readaptação, pois mesmo afastadas da sala de aula, podem exercer o ofício de educadoras com satisfação.

Os motivos que as levaram à readaptação foram de diversas naturezas, a saber: depressão, ansiedade, calos nas cordas vocais, problemas relativos a joelhos e tornozelos, dentre outros. As doenças das colaboradoras, têm de ser compreendidas na sua totalidade, já que vão sendo desencadeadas paulatinamente, pois é no decorrer da sua labuta diária que os transtornos e as limitações surgem, principalmente os danos psíquicos, que são os mais difíceis de serem compreendidos pelos demais professores e mesmo por especialistas no caso das perícias.

Revisando o texto, depreendemos que o sofrimento acaba sendo individualizado neste ou naquele professor, mas é necessário fazer esse enfrentamento coletivamente. O adoecimento docente tem que ser compreendido na sua totalidade, observando as contradições que perpassam a sociedade e a maneira como o profissional lida com o trabalho escolar.

Referências

ALVES, Francisco Cordeiro. **Estudo da satisfação/insatisfação dos professores efetivos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário do distrito de Bragança**. 1994. 60 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

AMARAL, Grazielle Alves. Sofrimento no “trabalho” de professoras readaptadas: da docência ao trabalho morto da readaptação. **Farol**

– **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 7 n. 18, p. 164-227, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Bomtempo, 2009.

ANTUNES, Sandra Maria Pateiro Salgado Noveletto. **Readaptação docente**: trajetória profissional e identidade. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, SBC, 2014.

ARRAIS NETO, Enéas de Araújo *et al.* Trabajo docente en el formato remoto: contradicciones en el entorno doméstico durante la pandemia de covid-19. **Revista Paradigma**. Edición Temática- Docência, Pesquisa e Formação, Vol. XLIII, septiembre de 2022, p. 627-647.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Formação pedagógica em educação profissional na área da saúde/enfermagem**: guia do aluno. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARDOSO, Jafé da Silva; NUNES, Claudio Pinto; MOURA, Juliana Silva. Adoecimento docente: uma breve análise da saúde de professores do município de Medeiros Neto/BA. **Revista Teias**. v. 20, n. 57, abr./jun. p. 125-140, 2019.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento**: a historicidade da Educação Profissional. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

CODO, Wanderley; VASQUES, Menezes. O que é Burnout? In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação**: Carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 237-254.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. 24. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

ESTEVE, José Zaragoza. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3. ed. Bauru: EDUSC, 1999.

FELDFEBER, Myriam; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Políticas educativas y trabajo docente**: nuevas regulaciones, nuevos sujetos? Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, José Alberto. A carreira das professoras no ensino primário. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 141-169.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-61.

MAGALHÃES, Jacineide Santos. O sofrimento/adoecimento no exercício laboral Docente: uma revisão de literatura. **Revista Científica Educ@ção**. v. 3, n. 5, mai. p. 566-576, 2019.

MOSELLI, Luciana Daniella Lages; ASSUNÇÃO, Ada Ávila; MEDEIROS, Adriane Mesquita de. Absenteísmo por distúrbios da voz em professores: revisão da literatura, 2005-2015. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, n. 29, set. p. 579-587, 2017.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Lisboa: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 13-38.

PAPARELLI, Renata. **Desgaste mental do professor da rede pública de ensino**: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar. 2009. 194 f. Tese (Doutorado em

Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 28, n.1, p.135-153, 2019.

PEREIRA, Terezinha do Socorro Lira; AGUIAR, Alessandra Lima; COSTA, Sinara Almeida da. Mal-Estar Docente: reflexões sobre os desconfortos presentes no desempenho da profissão. **Revista Educação e Emancipação.** São Luís, v. 8, n. 2, jul./dez. p. 161-181, 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. Gabinete da Prefeita. **Lei complementar nº 29, de 16 de dezembro de 2008.** Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos do Município de Mossoró e das fundações públicas - Estatuto do Servidor Municipal. Mossoró: Palácio da Resistência, 2008. Disponível em: <http://www.sindiserpum.com/p/leis.html/> Acesso em: 25 de outubro de 2019.

PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS SERVIDORES DE MOSSORÓ. **Previ Mossoró.** Disponível em: <http://www.previmossoro.com.br/>. Acesso em: 27 de out. 2019.

RAMOS, Susana. **Satisfação/insatisfação profissional em professores de educação Física do quadro de nomeação definitiva de Coimbra:** Um estudo descritivo. 2003. Tese. (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

WERTHER, Junior Willian; KEITH, Davis. **Administração de Pessoal e Recursos Humanos.** São Paulo: Mc Graw Hill, 1983.

Recebido em: *Junho/ 2022.*

Aprovado em: *Dezembro, 2022.*